

2

Classes Sociais e Grupos de Prestígio

A sociedade da cidade do Salvador e, por extensão às regiões de cultura e organização social idênticas, a sociedade do Estado da Bahia, foram descritas, em recentes estudos de relações raciais,¹ como sociedades multirraciais de classes. Neste artigo nos propomos indicar algumas características do sistema de classes nesses contextos.

Representando aquelas sociedades, ainda hoje, muito do que Jacques Lambert chamou de "o Brasil antigo", anterior à grande imigração européia e à industrialização, o seu atual sistema de estratificação só pode ser compreendido através da perspectiva diacrônica dos grupos de *status* em que a mesma sociedade se diferenciava durante o período colonial e boa parte do século passado e que correspondiam às linhas de raça ou de cor:

¹ Donald Pierson, "Race relations in Portuguese America", in *Race Relations in World Perspective*, ed. by A. W. Lind, University of Hawaii Press, Honolulu, Hawaii, 1955.

senhores e escravos, brancos e negros, ou branco-senhor e negro-escravo. Se bem que o principal critério classificatório nesse contexto fôsse o político, de livres e escravos, a proveniência étnica associava-se àquele para determinar a posição e os papéis de indivíduos e grupos.² Leis e costumes discriminatórios extremavam a população em grupos de poder que, por sua incidência com grupos raciais distintos, poderiam ter assumido o caráter de castas não fôra a frouxidão na observância das regras segundo as quais se atribuíam direitos, deveres, privilégios diferenciais a brancos, pretos e mulatos.³

Efetivamente o conceito sociológico que melhor explica a estratificação da nossa sociedade colonial é aquele de *status*, que para Tönnies consiste em estamentos nos quais os indivíduos se classificam por atribuição de posições, independente de suas aptidões pessoais, como clero, nobreza, povo, os *estados* do *ancien régime*. O conceito de *status* contrasta com o de *classes*, que são não-hereditárias e têm como referência as aptidões e realizações individuais especialmente de ordem econômica, educacional, ocupacional, além de pressupor permeabilidade dos estratos e, pois, mobilidade social vertical.

De certo modo, afirma Max Weber, as classes são estratificadas de acôrdo com suas relações com o produto e aquisição de bens, enquanto os grupos de *status* estratificam-se segundo padrões de consumo representados por especiais "estilos de vida".

² Fernando de Azevedo, *A Cultura Brasileira*, 2.ª ed., São Paulo, 1944, pág. 82. — Nos censos do período colonial a população era categorizada em livre e escrava, em proprietários de terras e agregados. Num mapa censitário de 1775, reproduzido e analisado por mim em *Povoamento da Cidade do Salvador*, 2.ª ed., 1955, pág. 198, a população é dividida em dois grandes grupos: o dos brancos e pardos livres, que é decomposto segundo estados conjugais, e o dos pretos e pardos escravos dos quais só se indicam, no quadro sobre população das freguesias da cidade do Salvador, os números totais.

³ René Ribeiro, *Religião e Relações Raciais*, Ministério de Educação e Cultura, Rio, 1956, pág. 104 e seguintes; Thales de Azevedo, "Indios, Brancos e Pretos no Brasil Colonial", *América Indígena*, vol. XIII, n.º 2, México, 1953.

Segundo Borges Carneiro, no Direito Público Português do século XVIII, reconheciam-se *nobres* de duas categorias básicas: os que tinham seus assentados nos livros da casa real e seus descendentes, e os nobres por ordens ou por empregos, como clérigos, desembargadores, oficiais-de-justiça do rei, vereadores, militares, ou por ciência como os canonistas, doutores em outros domínios do Direito, os físicos que não fôsem barbeiros, os pintores, os ourives, e pelo comércio, os atacadistas; e *plebeus* e *peões*, os que trabalhavam por jornal. O nobre que viesse a exercer ofício mecânico passava a plebeu.⁴

Esse sistema não se transplantou integral para o Brasil; aqui apenas refletia-se numa combinação de títulos de *status* com qualidades pessoais; os desocupados, sem profissão definida ou de ocupações que ficavam na periferia tanto das profissões "dignas" quanto das "servis", os artesãos e pequenos funcionários, vendedores, trabalhadores livres dos incipientes núcleos urbanos, aquilo a que se chamava "o povo", colocavam-se entre os dois grupos extremos, superior e inferior, de senhores, brancos, proprietários, de profissões "nobres" (das quais, até certo momento, eram excluídos os comerciantes), e de escravos, pretos, de ocupações "servis". Com a abolição os antigos escravos e "o povo" aglutinaram-se na "classe baixa".

Em virtude do seu conservantismo cultural e da permanência de uma estrutura econômica semicolonial de agricultura extensiva e de exportação de matérias-primas em troca de artigos manufaturados nacionais e estrangeiros e de certa parte dos produtos de subsistência, a Bahia não concluiu a sua passagem de uma sociedade de *status* para uma sociedade exclusiva ou preponderantemente de classes sociais.

E por isto que, apesar das mudanças políticas e sócio-econômicas verificadas nos últimos oitenta anos e da notória debilidade das forças de discriminação racial, os brancos, isto é, todas as pessoas socialmente consideradas como tais, e a "gen-

⁴ F. Mendes de Almeida, "O folclore nas ordenações do reino", *Rev. Arg. Mun.*, S. Paulo, 1939, n.º 56.

te de côr", enquanto grupos continuam nas mesmas posições que tinham no passado.

Em nossos dias, para os baianos mais modestos, a sociedade local compõe-se dos "ricos e dos pobres". Os ricos são os brancos, os que "não pegam no pesado", isto é, "os que trabalham com a cabeça", os que usam gravata, os doutores, os empregados do Governo, os negociantes fortes, os pobres são os pretos, "os que suam" fazendo o trabalho manual e braçal, os *humildes* da terminologia política derivada da Ditadura. E a este último grupo que se costuma chamar "a gente do povo", ou simplesmente "o povo"; um indivíduo deste grupo é, muitas vezes, descrito no noticiário dos jornais como "um popular". Um político popular é aquele que tem mais prestígio nesse grupo; os partidos populistas são, como em todo o país, aqueles que orientam os seus programas segundo os interesses do "povo" e fazem o recrutamento dos seus eleitores entre as "classes populares". Recorda-se que, durante quase todo o período da escravatura, enquanto o termo *negro* significava escravo, chamando-se de "negros" aos próprios escravos índios, mulatos e até brancos, *branco* era por definição o não-escravo e sobretudo as pessoas de *status* elevado.

A identificação do grupo superior com os brancos é expressa hoje com sentenças como "quem tem dinheiro é branco" desde quando o conceito de branquidade é simultaneamente relativo ao tipo físico e à posição social. Uma pessoa de traços negróides atenuados pode ser considerada "branca" se é rica ou tem um papel de relevo. Essa a razão por que Guerreiro Ramos afirma que um preto branqueia-se à medida que se eleva economicamente e adquire as maneiras dos grupos superiores. Do mesmo modo, a expressão "preto" qualifica não apenas os indivíduos mais pigmentados mas também as pessoas mais pobres, menos instruídas e de ocupações menos prestigiosas. Uma destas, mesmo sendo branca na côr e nos traços, pode dizer-se "preta" para acentuar a sua pobreza e humildade. Pelo mesmo motivo um preto que alcança uma posição elevada vem a ser tratado como "escuro", como "roxo", até mesmo "moreno", nunca como "preto" e muito menos como "negro", que é um termo depreciativo e ofensivo. Falando de certo mulato

claro, de profissão liberal, dizia alguém: "Aquêle é branco, socialmente falando, porque já ocupou um dos cargos mais elevados na administração e na política do Estado".

A correlação entre *status* e cor, bem assim a divisão da sociedade em dois estratos principais que, antes de serem classes, são grupos de prestígio, é confirmada pela maioria dos que recentemente se têm ocupado no Brasil com o estudo sociológico da família, das relações raciais, da mobilidade social.

Dessa estrutura em duas camadas começam a emergir as classes sociais, identificáveis do ponto de vista econômico pelas diferenças de propriedade, pelos níveis de renda, pelos padrões de consumo, pelos níveis de instrução e pelas regras de etiqueta, e ainda por uma incipiente consciência de si mesmas. O esquema de classes ajusta-se em parte ao de grupos de prestígio e se organiza ainda muito em função da anterior. Os seus três testamentos são a classe alta ou *elite*, a classe média e uma classe baixa ou *os pobres*.

Se analisarmos uma lista de pessoas dessa "alta sociedade" ou dessa "nata" da sociedade verificamos que o grupo se compõe de três categorias de componentes cujo *status* é antes atribuído em virtude do nascimento do que adquirido. Em primeiro lugar, os elementos de meia dúzia de "famílias tradicionais", ainda um tanto endôgamas, extensas e patriarcais,⁵ de antigos proprietários de terras, de lavouros de cana e de engenhos e usinas de açúcar, bem como de titulares do Império; essas famílias perderam quase toda a sua antiga fortuna e os seus títulos mas conservaram "o nome", isto é, a sua classificação no sistema de prestígio e representam-se por fazendeiros, comerciantes, profissionais liberais, altos funcionários públicos, professores universitários, diretores de bancos locais e políticos de destaque na esfera estadual e mesmo na nacional. Em segundo lugar, os membros de um número maior de "famílias ricas", algumas descendentes de imigrantes europeus entrados

no Estado em fins do século passado e agora compostas de comerciantes, fazendeiros, e uns poucos industriais, além de profissionais liberais e raros burocratas; a classificação nesse segmento vem da fortuna e só em parte da família, uma vez que os casamentos dos desse grupo se fazem muitas vezes no segmento anteriormente descrito. Esse é o grupo que constitui as chamadas "classes conservadoras" ou "produtoras". Em terceiro lugar, finalmente, membros de famílias sem "tradição", de origem relativamente "apagada", que têm prosperado nos negócios, nas profissões liberais, na política. Embora não se publique na Bahia um *Who's who*, os nomes das pessoas dessa "elite" ou dessa "gente bem" são os que aparecem com mais destaque nas seções mundanas dos diários da cidade, especialmente nas colunas dos cronistas da *café society* e das mais altas esferas sociais. Quando se diz que alguém frequenta a sociedade ou "tem sociedade", faz-se referência à classe alta. Que esse é realmente um antigo grupo de *status* em decomposição verifica-se pela admissão, sob certas restrições, especialmente restrições mentais, dos *nouveaux riches* nas suas rodas.

É nesse grupo que se concentra uma proporção mais elevada de pessoas de fenótipo branco. Nas suas associações recreativas e religiosas como nas suas reuniões para diversões, esportes, casamentos e outras, o número de indivíduos daquele tipo é praticamente a totalidade. Isto não exclui de todo a participação de alguns que são apenas socialmente brancos, isto é, *morenos* e mulatos muito claros, que adquiriram fortuna ou que, por seus títulos universitários, por sua atuação política, por suas maneiras finas se distinguem no meio; é este também o segmento em que não existe lugar nem para os pretos nem para os mulatos escuros, embora os desses tipos possam ser aceitos em associações profissionais, em altos cargos da burocracia e da política, nas irmandades, nas agremiações acadêmicas e intelectuais.

A classe alta é discriminatória, sem ser arrogante, em relação aos elementos da "pobreza", não os aceitando em suas associações, algumas das quais começam a ser exclusivas de *gráficos* e sofisticados; nos seus lares só recebem aqueles como empregados subalternos ou como "protegidos". As antigas asso-

⁵ Carmelita Junqueira Ayres Hutchinson, "Notas preliminares ao estudo da família no Brasil", Anais da II Reunião Brasileira de Antropologia (1955), Bahia, 1957, pág. 261.

ciações recreativas de categoria alta, algumas conhecidas no passado como "aristocráticas" por serem fundadas e frequentadas por grupos de famílias "tradicionais", começam a só ser frequentadas esporadicamente pelos elementos da *elite*, os quais tendem agora a promover bailes separados em hotéis e a criar *boîtes* próprias, em que, aliás, podem participar as pessoas mais refinadas da classe média.

A classe média é o grupo que se encontra entre os dois extremos da escala no que concerne aos seus níveis de vida, ao prestígio de suas ocupações e ao seu papel no controle dos meios de produção. Compõem-na os pequenos e médios comerciantes, proprietários e profissionais, os funcionários públicos médios, os técnicos, os empregados no comércio, como ocorre em toda a América Latina,⁶ isto é, os economicamente autônomos de recursos médios e os dependentes e salarizados que empregam sobretudo as faculdades intelectuais em suas ocupações. Os mais modestos dessa camada, os que não têm folga mas procuram viver com "decência", são os "remediados". Mas estes, como os demais componentes do estamento, identificam-se com a alta sociedade por seus sistemas de valores, por certos padrões de comportamento e por suas aspirações. Identificam-se também com os "brancos", embora as considerações de tipo físico sejam menos fortes, aí, tanto que, em suas associações, podem tomar parte *morenos* e mulatos e até alguns pretos; no convívio em família e no casamento é igualmente muito menos discriminatória a distinção pela cor. Entre os remediados há muitos que não passaram da escola primária ou dos primeiros anos do curso secundário, ao passo que, no resto do estrato, abstração feita dos profissionais e dos que se especializaram para o trabalho na burocracia e noutras atividades, o nível médio de educação é o secundário.

A classe baixa ou "pobreza" compreende todos os que se situam em níveis econômicos e de prestígio ocupacional inferiores aos descritos, especialmente os que vivem do trabalho manual e braçal: os funcionários públicos, os empregados do

comércio, os operários não-especializados, os "artistas" ou artistas, os operários das construções civis e da indústria, os pequenos comerciantes, como vendedores, quitandeiros, feirheiros, vendedores ambulantes, os empregados domésticos, e, finalmente, os roceiros. Os critérios que se combinam para a classificação nesse estrato são o dos níveis de propriedade e de renda e o do baixo prestígio do trabalho manual que desde o período colonial determinava o *status* inferior dos escravos, dos roceiros e dos "oficiais mecânicos". Dentro desse estrato podem-se encontrar subgrupos diferentes segundo o prestígio de certas ocupações: numa posição mais alta, os pequenos funcionários públicos (serventes, contínuos), os mestres-de-obras, os tipógrafos, mecânicos, motoristas; na posição mais baixa os varredores de rua, os serventes de pedreiro, as lavadeiras, os soldados... "Soldado é uma classe muito baixa; só quando tem dívida é que vale alguma coisa", diz um informante. Nesse amplo setor, que engloba pelo menos a metade da população encontrase a imensa maioria das pessoas de cor — pretos e mestiços — enquanto os brancos são a minoria; nesse nível reduzem-se ao mínimo os preconceitos de cor no convívio quotidiano, nas relações primárias em grupos de recreação e de trabalho, no casamento e nas uniões livres. Praticamente o analfabetismo ou a incapacidade de apenas "assinar o nome" só se encontram nesta classe.

Enquanto na classe alta a mulher raramente tem ocupação profissional e na classe média só recentemente tenha começado a dedicar-se ao ensino, ao trabalho na burocracia, no comércio e nas profissões liberais, na classe pobre a mulher participa em sua quase totalidade de atividades econômicas que complementam os orçamentos domésticos ou lhes dão uma certa autonomia financeira em face de maridos e "companheiros", que muitas vezes mal contribuem para as despesas de manutenção da família; emprega-se, pois, como cozinheira, copeira, operária fábril, comerciária, ou trabalha autônomoamente como lavadeira, engomadeira, costureira, vendedora nas feiras e mercados, ou tem uma pequena quitanda em casa e faz doces para vender, alisa cabelo, borda. Neste estrato, as crianças, em especial os meninos, cedo começam a trabalhar; as meninas antes da pu-

⁶ União Pan-Americana, *Materiales para el estudio de la clase media en America Latina*, diversos volumes.

berdade já têm deveres como auxiliares do trabalho doméstico ou da vigiância e cuidado dos irmãos menores.

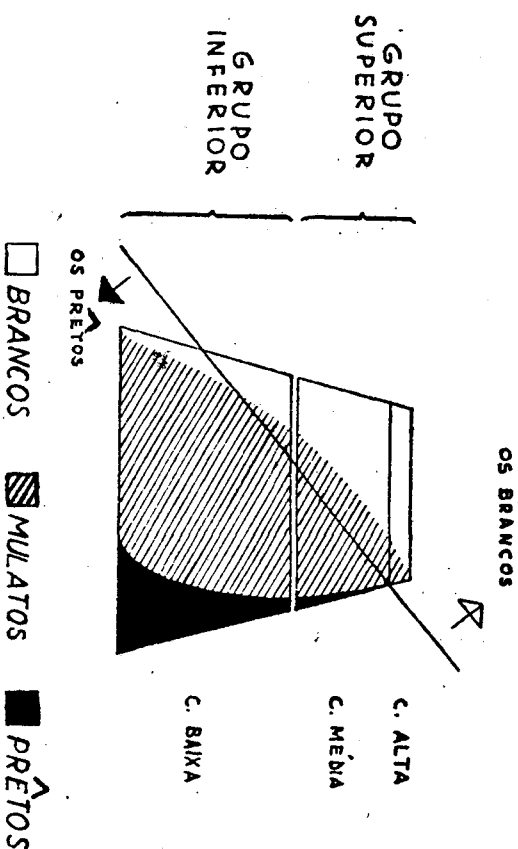
Por causa da sua pobreza e dos traços rurais, que conserva nas cidades, o grupo inferior é também aquele em que o vestuário é mais simples e o uso do calçado menos freqüente; as mulheres nunca usam chapéu e os homens quase só trazem gravata por ocasião de festas, de reuniões sociais, de visitas a pessoas de mais alta classificação. Vários "homens do povo" conversavam no interior de uma casa comercial quando um deles mostrou o retrato que tirara para a sua carteira profissional, lamentando que não estivesse de gravata no momento em que foi ao fotógrafo. Um dos presentes objetou: "Que vale a gravata? Pra que quer você um retrato melhor? Está ótimo", mas um terceiro interveio: "um homem sem gravata não vale nada" e mostrou o seu retrato, tirado com esse símbolo das classes superiores.

A classe pobre tem consciência das diferenças de prestígio, de educação, de símbolos de *status* que a distinguem dos outros estratos e lhe conferem uma inferioridade social expressa em tratamentos diferenciais e discriminatórios por parte da Política, das autoridades administrativas, dos agentes das forças econômicas e, de um modo geral, dos membros das classes média e alta.

Na Bahia pode-se falar em uma "senhora", indistintamente, aludindo a uma "dama da alta sociedade" ou a uma "mulher humilde", do povo; a expressão "senhora", entretanto, indica somente a primeira: uma senhora muito rica, uma senhora de xale uma ("baiana"), uma senhora da alta roda.

Enquanto que os grupos alto, intermediário e baixo funcionam como verdadeiras classes, permeáveis à mobilidade vertical especialmente entre os estratos contíguos, uma linha de divisão separa mais nitidamente os dois grupos de *status* e prestígio constituídos de um lado, pelo agregado das classes alta e média e, de outro lado, pela classe baixa. É assim que a classe média está muito mais distante da "pobreza" do que da *elite*, tanto em seus *mores*, como em seus privilégios. As discriminações

mais visíveis e as tensões mais manifestas são as que se operam entre esses grandes grupos. (Ver figura abaixo.)



As pessoas da classe baixa são obrigadas a tratar as do grupo superior com os títulos de *dona* para as mulheres e de *senhor* para os homens, títulos que nesse contexto indicam subordinação qualquer que seja o tipo físico ou a idade dos interlocutores; em relações de direção inversa, o título *dona* é muito menos usado porque expressa subordinação de quem fala, e o *senhor* continua obrigatório porque também significa distância social; a pessoa "inferior" também não pode, a não ser com ânimo de ofender, chamar de *você* aos do grupo superior, tratamento que é habitual nas relações horizontais, intraclasses, bem como de cima para baixo para indicar superordinação do falante ou afeição para com o subalterno. As saudações por meio de beijos no rosto entre mulheres, de sinal de "adeus" com os dedos, de apertos de mão ou abraços só por exceção usam-se em relações assimétricas e supõem sempre a iniciativa do superior e nestes casos o inferior quase sempre limita-se a deixar que o superior o abrace frouxamente ou pegue em sua mão sem que, corres-

pondentemente, aperte a dêste. Outros mecanismos atuam no sentido de regular a posição espacial dos indivíduos e de limitar as expressões de intimidade e de "confiança" por meio de gestos ou de palavras. Uma pessoa do grupo inferior é recebida em casa de um rico ou de uma pessoa da classe média, mas raramente se senta em sua sala de visitas ou em sua mesa de refeição; se se lhe oferece uma refeição, recebe-a na cozinha, na copa ou até na mesa da família, mas, neste caso, em separado, antes ou depois das outras pessoas.

Os casamentos dificilmente ultrapassam as linhas que separam êsses dois grupos; podem, todavia, realizar-se entre pessoas das camadas em que se subdividem os mesmos grupos, sendo mais difícil o casamento entre rapaz rico e môça pobre do que entre rapaz relativamente pobre, mas "bom" e educado, com môça rica. A explicação para tal discriminação está no fato de que os novos casais se orientam, na maioria dos casos, para o lado da espôsa, de modo que um homem rico "desce" ao casar-se com uma môça pobre, ao passo que um marido pobre pode ser absorvido na família da espôsa. O mesmo vale para as uniões entre pessoas de côr diferente.⁷

As diferenças nos falares situam-se também para cima ou para baixo das linhas que separam aquelas duas camadas.

A escolha de padrinhos para os filhos faz-se horizontalmente em todos os estratos, mas é frequente a escolha assimétrica de padrinho de um grupo superior para ailhado "pobre", uma vez que a relação estabelecida tem uma função de proteção de tipo paternalista.

Mesmo no vestuário podem-se surpreender as características dos dois grupos de preséio. O xale, o torço, a bata, o uso do chinel e do tamanco em público são exclusivos do povo; a gravata é, de certo modo, um símbolo da classe superior que a inferior utiliza em situações cerimoniais; o chapéu e a juva femininos são exclusivos do grupo superior, a não ser em situa-

⁷ Thales de Azevedo, *As Elites de Côr*, São Paulo, 1955, pág. 88.

ções especiais pela pequena classe média de côr que se vai esbogando (casamentos, missas solenes, formaturas, recepções).

O sistema educacional estrutura-se em função dos mesmos dois grupos de *status*, em escolas públicas que são, praticamente, frequentadas só pelos "pobres", e escolas particulares para as classes superiores. Isto é fácil de demonstrar analisando listas das profissões dos pais de alunos, pelas quais se vê que raras são as crianças de famílias da classe média e alta matriculadas na primeira categoria de escolas e vice-versa.

Um "popular" apanhado em delito é preso por um guarda-civil e levado para uma prisão desaseada, sem comodidades, onde pode ser tratado com brutalidade e tem como companheiros criminosos, vagabundos, alcoólatras, mendigos. O indivíduo da camada superior, uma "pessoa direita", nas mesmas circunstâncias quase sempre encontra meios de evitar a prisão em flagrante: se é preso no momento de um delito, é levado para a repartição policial, discretamente, em um automóvel; se escapou a tal humilhação, pode apresentar-se às autoridades, na companhia de um advogado, e é recluso numa sala da administração do preséio ou, a pretexto de moléstia, num hospital onde fica sob vigilância policial, sendo que as pessoas diplomadas ainda têm direito, por lei, a prisão especial.

As maiores diferenças nos padrões arquitetônicos, no tamanho, no arranjo espacial das habitações são as que distinguem os bairros pobres, as *invases* e favelas dos bairros do grupo superior, embora nestes já se possam diagnosticar os de classe média na cidade do Salvador, Santo Antônio além-do-Carmo, Nazaré, Santana, Brotas, Rio Vermelho etc.) e os da alta (Vitória, Graça, Barra).

Nas regiões rurais do Estado da Bahia a sociedade estrutura-se também em um grupo superior que, de ordinário, corresponde à classe média das grandes cidades, e um grupo inferior parecido com o destas. Ali também apresenta-se o esquema "brancos, ricos — prêtos, pobres" que, por outro lado

se relaciona com níveis de propriedade e de renda e com categorias de ocupações.⁸

Entre as classes sociais e mesmo entre os dois grupos de prestígio diversos fatores atuam no sentido de atenuar os antagonismos e tensões que os separam: 1) de um lado a persistência do sistema de *status* e a lentidão da mudança no sentido da formação de verdadeiras classes; vigora ainda, portanto, um regime de *status* fixo, atribuído, por nascimento, que reduz as aspirações individuais e faz aceitar os respectivos papéis sem muita relutância; 2) a efetividade de uma dinâmica que permite a mobilidade social de qualquer indivíduo através da escala total, embora essa mobilidade seja freada pelo *status* de nascimento e pela côr; 3) a ampla mestiçagem, promovendo a ascensão automática dos grupos de côr e segmentos mais elevados de seu estrato e propiciando a ascensão individual a posições nas camadas superiores; 4) de outro lado, os mecanismos que continuamente operam para atenuar as fricções e os choques e para aproximar os indivíduos e os grupos, como o paternalismo das classes superiores para com os "pobres", as relações primárias derivadas do compadresco e das "boas amizades", as maneiras brandas, a voga atual de tendências democráticas e populistas em política, o tipo das relações raciais baseadas antes em preconceitos de marca do que de origem, segundo a terminologia e os conceitos de Oracy Nogueira. Tais mecanismos atuam através dos vários elementos, ligando os mais próximos e diminuindo as distâncias afetivas entre os indivíduos dos grupos extremos e mesmo entre os próprios grupos.

Da observação da sociedade da Bahia parece que se pode induzir que o *status* resulta de uma combinação de fatores como nascimento e tipo físico, que se deixam modificar, até certo ponto, pela fortuna, pela ocupação e pela educação. O *status* de nascimento e a côr limitam a distância social que se pode percorrer no processo de mobilidade vertical, quaisquer que sejam os demais elementos condicionantes.

⁸ C. Wagley, *Races et classes dans le Brésil rural*, UNESCO, Paris, 1952, pág. 157.

Essa persistência dum sistema de prestígio atribuído num nascente regime de posições e papéis assumidos corresponde ao padrão tradicional de estratificação social comum em toda América Latina,⁹ mas em vias de desaparecimento nas regiões industrializadas e de imigração recente.

Para essa persistência na Bahia contribuem o retardamento da industrialização e também o fato de que o grande repositório de indivíduos à espera de promoção a posições mais altas é constituído de gente de côr, cuja posição social é, em larga medida, determinada pelos mesmos fatores já expostos. Se persistirem na sociedade baiana os valores culturais que se opõem, em medida variável, às discriminações por motivo de origem e de marcas raciais, é possível que uma mudança na infra-estrutura econômica crie condições para a mobilidade ascensional de grande número de pessoas das camadas baixas e para a transformação definitiva do regime de *status* num regime mais fluido de classes sociais.

Se, porém, aqueles valores representam apenas as racionalizações, traduzidas em ideologia, dos grupos de poder e prestígio que controlam tradicionalmente a estratificação social, há a possibilidade, que aqui se indica em caráter meramente conjectural, de que, sob a pressão dos casos de ascensão de pessoas de côr, sobretudo de marcas mais caracteristicamente negróides, a própria ideologia se reorienta para justificar a formação de um novo regime de castas, semelhante ao norte-americano, com sistemas autônomos de classes de brancos e não-brancos. Até que ponto as marcas raciais ou o tipo físico continuarão a agir como peso fixativo ou descendente, é assunto que somente a investigação poderá determinar, sem perder-se de vista a função da mestiçagem que, branqueando a população no duplo sentido antropológico e social, poderá agir concomitantemente em favor da tendência à constituição de verdadeiras classes sociais.

⁹ Ralph L. Beals, "Social stratification in Latin America" *apud* resumo in *Ciencias Sociales*, vol. 27, junho 1954, União Pan-Americana, Washington; Frank Bonilla, "Comentários sobre la estructura de clase en America Latina", *Ciencias Sociales*, vol. VII, n.º 40, dezembro 1956, União Pan-Americana, Washington.